

AS VIDAS NADA SECRETAS DE

VERDADEIRAS ESPOSAS "MÓRMONS"



OWEN, BÖHME, CONDIE, HONG MERRILL,
DOWDELL, EGAN, JACKSON-STOWELL, MELAZZO

© 2025 Fernanda Böhme, Ganel-Lyn Condie, Kimberly DowDell, Shayla Egan, Allison Hong Merrill, Esther Jackson-Stowell, Caroline Melazzo, & Kerry Owen Todos os direitos reservados.

Publicado originalmente em inglês em © 2024

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, sob qualquer forma, seja gráfica, visual, eletrônica, cinematográfica, microfilme, gravação em fita ou por qualquer outro meio, sem a prévia autorização por escrito da editora, exceto no caso de breves trechos incorporados em resenhas críticas e artigos.

Esta não é uma publicação oficial de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. As opiniões e pontos de vista aqui expressos pertencem exclusivamente ao autor e não representam necessariamente as opiniões ou visões da Cedar Fort, Inc. A permissão para o uso de fontes, gráficos e fotos é também de inteira responsabilidade do autor.

Paperback ISBN 13: 978-1-4621-5009-0

eBook ISBN 13: 978-1-4621-5010-6

Publicado por CFI, um selo de Cedar Fort, Inc.

2373 W. 700 S., Suite 100, Springville, UT 84663

Distribuído por Cedar Fort, Inc., www.cedarfort.com

Library of Congress Control Number: 2024949761

Cover design by Shawnda Craig

Cover design © 2024 Cedar Fort, Inc.

Edited and Typeset by Liz Kazandzhy

Impresso no Estados Unidos de America

10 9 8 7 6 5 4 3 2 1

Impresso no papel sem ácido

CONTENTS

- 1 [Fernanda Böhme: A Magnata da Moda](#)
- 2 [Shayla Egan: A Influenciadora de Preparação para Emergências](#)
- 3 [Allison Hong Merrill: A Escritora](#)
- 4 [Kimberly DowDell: A Defensora da Síndrome de Down](#)
- 5 [Ganel-Lyn Condie: A Educador em Saúde Mental](#)
- 6 [Caroline Melazzo: A Podcaster](#)
- 7 [Kerry Owen: A Filantropo e Defensora](#)
- 8 [Esther Jackson-Stowell: A Intermediaria](#)

[Sobre as Escritoras](#)

[Agradecimentos](#)

FERNANDA BÖHME

A Magnata da Moda

JORNADA PARA A AMÉRICA

“Um dia vocês irão para os Estados Unidos da América”, disse nossa empregada, altamente intuitiva, à minha mãe. Era 1986 no Rio de Janeiro, Brasil. Minha família nunca sequer havia pensado em ir para os Estados Unidos. Por que iríamos? Pra quê? Nossa vida estava aqui.

Minha mãe riu. “Você está louca—isso nunca vai acontecer.”

A empregada continuou: “Vocês vão trabalhar como escravos por muitos anos, mas um dia, suas filhas serão empreendedoras de muito sucesso ainda jovens.”

Minha mãe a olhou completamente chocada, com as sobrancelhas disparando em direção à raiz do cabelo.

Como ela poderia saber de algo assim? Não podia. Era loucura. Afinal, minha irmã e eu éramos apenas bebês, ainda de fraldas.

Ainda assim, seis anos depois, nossa família de cinco pessoas—minha mãe, meu pai, minha irmã, meu irmão mais novo e eu—estava em um avião com uma passagem só de ida para Utah. Não havia volta. Meu pai estava convencido de que era uma oportunidade única na vida de continuar sua educação na Brigham Young University (BYU) e também nos dar uma chance de um futuro melhor.

Éramos membros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Éramos membros antes mesmo de eu saber que Utah existia no mapa.

Deixamos tudo o que conhecíamos—nossa família estendida, nossa cultura, nosso idioma, nossa vida em uma cidade grande cercada pela floresta.

Quando o avião pousou em um dia frio de primavera em Salt Lake City, as montanhas cobertas de neve contrastavam dramaticamente com o céu azul real e a paisagem desértica tão diferente de onde eu vinha. Uau, pensei. É como se eu tivesse ido para outro planeta! Tudo era diferente. Tudo. Desde o pequeno aeroporto até as ruas limpas e os bairros silenciosos.

Enquanto saíamos do aeroporto, pensei: Onde estão as pessoas? Por que não tem ninguém andando pelas ruas? Na primeira noite, o silêncio era tanto que eu não conseguia dormir. Onde estavam o trânsito barulhento e agitado?

Morávamos em um prédio alto no Rio, e agora, em Provo, Utah, morávamos perto do chão, em moradia estudantil nas montanhas. Este lugar estava muito longe da cidade movimentada e barulhenta à qual eu estava acostumada.

O primeiro dia de aula foi como escalar o Monte Everest. Eu tinha oito anos, não falava uma palavra de inglês, e meu cabelo preto como ébano contrastava com os tons claros de loiro e castanho ao meu redor. As crianças da escola me encararam por horas a fio, e como uma onça-pintada em exibição, eu não queria mostrar minhas pintas.

Rodeada de muitas outras crianças, passei pela cafeteria sozinha e fui servida com comidas que eu nunca tinha visto na vida. Corn dogs e torta de maçã? As crianças bebem leite puro, sem chocolate? Isso é um absurdo!

E essas não foram minhas únicas dificuldades. Também fui excluída de todas as atividades por ser a nova aluna do ESL (inglês como segunda língua), assim como minha irmã, Vivien, que estava um ano à minha frente.

Nosso primeiro inverno aqui me atingiu como uma nevasca, chegando inesperadamente e me abalando. Eu nunca tinha visto um clima assim. No início, a neve me encantou, mas logo esse encanto se desfez com o aumento do frio cortante. Um dia, enquanto a neve caía em grandes flocos, meus pais nos levaram a um brechó chamado Deseret Industries para comprarmos casacos quentes.

Nossa primeira manhã de Natal foi... bem... não havia presentes debaixo da árvore. Meu pai era estudante em tempo integral na BYU, as finanças estavam extremamente apertadas e a mentalidade era de “sejam gratos por estarem neste país”. Mas por volta das 7h da manhã, abrimos a porta para um

céu cheio de neve e descobrimos que alguém havia deixado uma cesta com brinquedos, comida e outras gentilezas.

“Quem faria isso por nós?”, perguntei.

Minha família também não sabia, mas isso não impediu meu irmãozinho de adivinhar. “Anjos?”

Se foram anjos do céu ou apenas pessoas fazendo a obra de Deus, todos concordamos. Até hoje, ainda não sei quem foi, mas foi um ato de bondade que eu sempre vou lembrar. Teria sido alguém da congregação local?

Éramos membros da igreja “mórmon” desde o Brasil. Isso era algo pelo qual éramos muito gratos—a ala local que frequentávamos nos acolheu como parte da família. (Ala significa uma congregação local na Igreja.)

Isso é algo incrível sobre a igreja “mórmon”. Se você fosse deixado em qualquer lugar do mundo, os membros da ala local o acolheriam como se fosse deles.

A Igreja também tem o maior grupo de mulheres organizadas do mundo, uma organização chamada Sociedade de Socorro. Milhões de mulheres espalham sua luz pelo mundo. É algo poderoso, e nunca havia sentido esse poder, calor e acolhimento de forma tão forte quanto naquela manhã de Natal. Talvez não estivéssemos tão invisíveis assim.

Logo, as finanças ficaram ainda mais apertadas, o dinheiro com que viemos acabou e meus pais precisaram encontrar trabalho. Cada nacionalidade tem seu próprio caminho quando chega aos EUA. Para os brasileiros, é limpar prédios.

Meus pais começaram a limpar prédios e nos deixavam, três crianças, sozinhas em casa. Era setembro, e o céu escurecia mais cedo. Eu balançava no balanço do parquinho do lado de fora, enquanto meus irmãos ficavam dentro do apartamento. Luzes brilhavam pelas janelas dos vizinhos, mostrando, como num seriado de TV, o que acontecia dentro de cada apartamento. Famílias jantando juntas e se preparando para dormir.

Estava completamente escuro, e enquanto eu segurava as correntes metálicas do balanço, pensei: Esta é a sua vida agora, e você está sozinha. Vai enfrentar o mundo sozinha. Pensamentos pesados para uma criança de oito anos.

Eventualmente, entrei no apartamento naquela noite, com fome, e esperei até a meia-noite para meus pais chegarem.

Aquela noite solidificou algo em minha mente: Se eu quisesse algo, teria que trabalhar por isso.

Logo descobri com alguns amigos que fizemos que você podia tirar o lixo para as pessoas do condomínio, se batesse à porta e perguntasse, e elas te pagavam entre 25 e 50 centavos por isso. Os lixeiros ficavam longe, então virou um pequeno negócio lucrativo para meus irmãos e para mim, já que a maioria das pessoas não queria fazer aquela caminhada.

Essa mudança nos garantiu lanches e bebidas, então estávamos felizes.

Mas esse não foi o fim da minha motivação—meu desejo de buscar mais. Mais tarde, ganhei uma campanha de arrecadação da escola porque sabia bater em todas as portas da comunidade. Eu era muito competitiva. Mesmo no Halloween, tínhamos que conseguir mais doces do que qualquer outra criança em Provo. Havia tanto doce que encheu nossa pequena sala de estar! Não nos importávamos em acordar pessoas de pijama—continuávamos batendo nas portas até a meia-noite. Passamos as semanas seguintes comendo os doces e construindo pirâmides e fortalezas com milhares de balas Smarties.

O “SONHO AMERICANO” NEM TÃO SONHO ASSIM

Acredito que, naquele momento, meus pais estavam sobrecarregados em um novo país, com um idioma que mal conseguiam aprender, criando três filhos e completamente sem dinheiro. Estávamos no que se chama de “modo de sobrevivência”. Nós, como crianças, tínhamos que ser os adultos da casa, traduzindo tudo, desde a conta de telefone até o aluguel. Meus pais passaram a receber mais prédios para limpar, e logo começamos a ir com eles. Todos os dias, depois da escola, voltávamos para casa, comíamos e saíamos.

Eram edifícios comerciais enormes, alguns com vários andares. Minha irmã e eu recolhíamos o lixo de cada cubículo. De vez em quando, encontrávamos uma moeda de cinco ou dez centavos no chão, e esse era nosso “orçamento” para a máquina de doces daquela noite. Veja bem, meus pais ganhavam o salário mínimo, e nós trabalhávamos, bem... de graça. Não importava se estávamos cansadas ou com fome.

Depois de limpar três ou quatro edifícios gigantes todas as noites, voltávamos para casa exaustos, sabendo que o dia seguinte traria mais do mesmo. Se sentíamos fome, não havia um drive-thru do McDonald's entre os

prédios. Esperávamos até chegar em casa, mas mesmo assim, as opções eram escassas.

Na maioria das vezes, era a Igreja que nos alimentava. A Igreja tem sua própria produção de alimentos e mercados para ajudar pessoas em tempos difíceis. Esse sistema também oferece ajuda, em forma de comida e suprimentos, para regiões afetadas por desastres naturais. E, embora fôssemos imensamente gratos por essa organização que mantinha nossos estômagos cheios, enfrentávamos um tipo diferente de desastre.

Seis dias por semana, a rotina era a mesma: ir à escola, voltar para casa e comer, ir trabalhar limpando vários prédios. Repetir. Vez após vez.

Em um desses dias, enquanto tirava o lixo debaixo de um cubículo, encontrei uma foto de família tirada no Havaí. Parei e pensei na minha infância perdida no Brasil—ir à praia nos fins de semana e dar um passeio pela orla antes de ir para a escola pela manhã.

Perdida nesses pensamentos, olhando a foto, reconheci um colega da escola primária na imagem e senti meu rosto esquentar. Eu morreria de vergonha se meus amigos soubessem que eu limpava prédios até meia-noite todos os dias.

Apesar da autocrítica, eu geralmente não sentia pena de mim mesma—mas me perguntava se aqueles dias um dia chegariam ao fim.

Dia após dia, ano após ano, essa rotina durou quase uma década.

Éramos uma família de cinco, vivendo abaixo da linha da pobreza. Comprar material escolar novo era fora de cogitação. Recebíamos roupas de crianças que já tinham herdado de outras. Minha irmã, Vivien, e eu queríamos participar de aulas de dança e outros grupos, mas isso exigia pagamento, então também era um não.

Enquanto nos preparávamos para o último dia de aula com apresentações, a escola primária convidou uma professora de dança local para coreografar a performance final. Após vários dias de ensaio, ela se aproximou de mim e comentou: “Você é uma dançarina muito talentosa. De qual academia você faz parte?”

Fiquei paralisada. Não sabia o que dizer. Nunca havia recebido um elogio assim. Mesmo que pudéssemos pagar pelas aulas, tínhamos que limpar prédios todas as noites e não havia tempo para mais nada. “Eu não faço parte de nenhuma academia de dança,” respondi.

“Bem, você deveria procurar uma,” ela disse. “Na verdade, deveria se juntar à nossa academia.”

A vergonha de compartilhar minha dura realidade com aquela professora foi demais para suportar. Agradei e logo desapareci no meio das outras crianças, fingindo desinteresse.

Anos depois, no ensino fundamental, quis entrar para a orquestra, então arranjei um emprego de babá para pagar as aulas e aluguei um violino com pagamentos mensais. Eu tinha treze anos e sentia que era hora de fazer algo novo. Tinha TDAH severo, como muitos criativos, mas estava determinada a aprender a tocar, e praticava por horas toda semana, quando não estava limpando prédios à noite. Minha ficha de prática era sempre a mais alta entre meus colegas da orquestra.

O violino não era meu único hobby. Também colecionava revistas Vogue. Entre um concerto de Bach e outro, decorava cada coleção dos estilistas.

Aos dezesseis anos, fiz um curso de costura em uma loja de tecidos local e costurei uma réplica do maiô de duas peças em lycra prateada da Balenciaga. Comprar roupas não era algo comum, dadas as nossas circunstâncias, mas eu sempre me vestia de forma diferente. Nunca gostei das opções do shopping local, mas valorizava a alta-costura como os itens “it” dos estilistas globais. Amava a expressão artística e os ensaios fotográficos dramáticos. Estudava as revistas de moda meticulosamente na Barnes and Noble e na loja Borders.

Quando chegou a hora do baile de formatura, achei os vestidos dos shoppings locais sem graça. Então busquei inspiração em uma foto da Gisele Bündchen na Vogue, usando uma saia de couro. Minha mãe, que sabia costurar e fazer moldes, me ajudou a montar um vestido vanguardista de courino com zíper até o pescoço. Trabalhamos a noite inteira, mas às 1h da manhã, a máquina de costura quebrou. Não conseguimos terminar o vestido.

“Desculpa,” disse minha mãe, com um olhar de pena. “Você vai ter que ir ao baile com um dos seus vestidos da igreja.”

Chorei como se fosse uma tragédia. Comprar um vestido na loja era caro demais, e além disso, o baile era no dia seguinte. Orei por um milagre, mas nada aconteceu, e a máquina continuava quebrada. Era sábado, e tínhamos um concerto estadual de banda e orquestra o dia todo. Chorei no ônibus a caminho de casa porque o baile seria em poucas horas e eu não tinha um vestido para usar.

Uma colega da banda, chamada Malorie, me viu e perguntou: “O que aconteceu? Por que está chorando?”

Entre soluços, respondi: “Não tenho vestido para o baile. Nossa máquina quebrou ontem à noite e o vestido está inacabado.” Limpei as lágrimas do rosto.

O rosto dela se iluminou e ela empurrou uma mecha do cabelo loiro para trás da orelha. “Sabe, minha mãe é costureira! Vou perguntar se você pode ir até lá e ela termina o seu vestido.”

Um peso saiu do meu peito e a esperança preencheu meu coração. “Sério?”

Ela assentiu. “Pegue o vestido e leve lá em casa.”

Depois do ônibus, corri para casa, peguei as peças e fui direto para a casa dela. A mãe de Malorie, Jennifer, costurou o vestido rapidinho em seu ateliê enquanto eu observava com profunda gratidão.

Jennifer me entregou o vestido da filha para que eu terminasse o bordado enquanto ela finalizava o meu. “Então... quem cortou esse molde?” perguntou.

“Eu desenhei, e minha mãe cortou o molde. É bem simples,” respondi, meio envergonhada, achando que não estava à altura.

“Deixe-me te dizer, Fernanda—isso aqui não é uma costura básica de iniciante. Esse vestido é bem complexo e exige habilidade. Acho que você e sua mãe sabem bem mais do que estão me contando,” disse Jennifer com uma piscadela.

Sorri. Talvez estivéssemos nos subestimando.

Jennifer terminou o vestido rapidamente e me entregou com um grande sorriso.

“Obrigada! Obrigada!” abracei o vestido contra o peito.

“Foi um prazer,” disse ela.

Mal podia acreditar na rapidez com que ela conseguiu finalizar tudo! Corri para casa para terminar de me arrumar. Foi, de fato, um milagre, e me mostrou que o Senhor realmente se importa com os pequenos detalhes da nossa vida.

Perto do fim do ensino médio, decidi que queria estudar música na Universidade de Utah. Meu professor de violino, um renomado violinista coreano, concordou em me orientar. Meses depois, ele me dispensou e disse para eu seguir moda. Aparentemente, eu me vestia melhor do que tocava... ou pelo menos ele achava isso.

You've Just Finished your Free Sample

Enjoyed the preview?

Buy: <http://www.ebooks2go.com>